



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

INGRID CRUZ DE SOUZA

O BANDO DE LAMPIÃO E A PRESENÇA FEMININA (1930-1938)

Guarabira

2022

INGRID CRUZ DE SOUZA

O BANDO DE LAMPIÃO E A PRESENÇA FEMININA (1930-1938)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a banca examinadora e a/ao Coordenação/Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Guarabira

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S231b Souza, Ingrid Cruz de.
O bando de Lampião e a presença feminina (1930-1938)
[manuscrito] / Ingrid Cruz de Souza. - 2022.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. , Departamento de História - CH."

1. Cangaço. 2. Participação feminina. 3. Violência. 4. Maria bonita. I. Título

21. ed. CDD 981

INGRID CRUZ DE SOUZA

O BANDO DE LAMPIÃO E A PRESENÇA FEMININA (1930-1938)

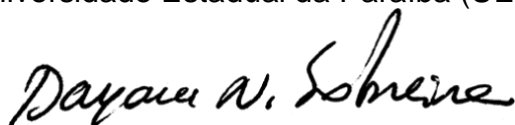
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a banca examinadora e a/ao Coordenação /Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em História.

Aprovada em: 12/07/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Mariângela Vasconcelos Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A ORIGEM DO CANGAÇO	13
3.	MARIA BONITA	15
4.	A ENTRADA DAS MULHERES NO CANGAÇO	18
5.	CONSIDERAÇÃO FINAL	24

REFERÊNCIAS

O BANDO DE LAMPIÃO E A PRESENÇA FEMININA (1930-1938)

Ingrid Cruz de Souza*

RESUMO

O presente trabalho intitulado “O bando de Lampião e a presença feminina (1930-1938)” tem como objetivo analisar a vivência feminina no bando, bem como ocorria a entrada das mulheres no cangaço, o cotidiano e as contribuições delas para esse movimento social. Essa foi uma pesquisa qualitativa, fundamentando-se nas contribuições de autores como: (NEGREIROS, 2018), (CLAUDINO, 2013), e (CHANDLER, 1980) dentre outros. Dessa forma, utilizou-se o método da história oral por meio dos relatos transmitidos pelas cangaceiras e encontrados mediante a análise do documentário de: VIANA, Lucas. Neto, Manoel, buscou compreender as relações de poder na história do cangaço. Sendo assim, os resultados desta pesquisa apontam para a importância da discussão sobre a entrada das mulheres nos bandos de cangaceiros, a violência sofrida por elas, e as dificuldades de se viver sem um teto. O patriarcalismo dominante na sociedade sertaneja se reproduzia no cangaço. A figura do homem como dono do poder e as mulheres submissas as suas vontades eram bastante comuns, bem como a representação masculinizada daquelas que ousavam questionar essa estrutura.

Palavras-chave: Cangaço, participação feminina, violência, Maria Bonita.

ABSTRACT

The present work entitled "The band of Lampião and the female presence (1930-1938)" aims to analyze the female experience in the gang, as well as the entry of women into the cangaço, the daily life and their contributions to this social movement. This was a qualitative research, based on the contributions of authors such as: (NEGREIROS, 2018), (CLAUDINO, 2013), and (CHANDLER, 1980) among others. Thus, the oral history method was used through the reports transmitted by the cangaceiras and found through the analysis of the documentary of: VIANA, Lucas. Neto, Manoel., sought to understand the power relations in the history of cangaço. Thus, the results of this research point to the importance of the discussion about the

* Graduada em História, pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail ingrid.cruz0309@gmail.com

entry of women in the flocks of cangaceiros, the violence suffered by them, and the difficulties of living without a roof.

The dominant patriarchy in sertaneja society was reproduced in the cangaço. The figure of man as the owner of power and women submissive their wills were quite common, as well as the masculinized representation of those who dared to question this structure.

Keywords: Cangaço, female participation, violence, Maria Bonita.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa foi originada a partir de uma inquietação pessoal a respeito da importância da participação feminina no cangaço e sobre quais foram suas contribuições para esse fenômeno social, pois afinal, quem eram essas mulheres? O que faziam? Como entraram para os bandos de cangaceiros?

Portanto, a pesquisa visa compreender a participação das mulheres que estiveram presentes no cangaço, no período temporal entre 1930 a 1938, levando em consideração a realidade social da época, na qual a figura masculina era preponderante na estrutura das famílias. A forma dominante das relações de gênero era o patriarcado, na qual predominava a representação da masculinidade como superior ao gênero oposto. Uma masculinidade que buscava a reafirmação do seu poder através até de ações violentas. Relações de gênero baseadas na submissão do feminino ao masculino, na agressividade e na rivalidade entre os homens, em relações de violência que também se encontravam presentes no cangaço. A participação feminina no cangaço transferia para essas mulheres um atributo predominantemente visto como masculino: a valentia. Maria Bonita, Sila, Lídia, Dadá, Cristina, Adília e outras mulheres que também integravam os bandos de cangaceiros, significaram uma ruptura com o lugar tradicionalmente reservado as mulheres, nessa sociedade.

Afinal o que foi o cangaço? Foi apenas um movimento repleto de violência construído por um conjunto de bandidos que andavam vestidos de uma forma que será tomada como representativa da regionalidade nordestina? Ser cangaceiro significava ostentar, pois eles sempre buscavam conquistar riquezas, dinheiro, ouro, prata e armas? As figuras de Lampião e Maria Bonita foram os integrantes do cangaço que tiveram uma maior presença nas mídias?

Mediante o exposto esse acontecimento social, político e cultural ocorreu em quase todo Nordeste, durante o século XX, eram grupos que andavam armados e que cometiam diversos crimes, ao mesmo tempo em que protegiam as terras de quem os protegiam e lhes asseguravam riquezas. Os cangaceiros surgiram no intuito de se contrapor aos abusos de poder dos coronéis, grandes agricultores do Estado, além da busca de vingança em relação àqueles que os fizeram o mal.

A vida dos cangaceiros não era fácil, viviam sem conforto, perseguidos constantemente. Andavam diversas léguas, passavam dias de fome, sem condições de limpeza adequadas e sempre sentiam a insegurança na pele, sempre prontos para o combate. Por isso, para integrar o bando era necessário saber o que os esperava e apesar de toda essa dificuldade muitos rapazes e moças decidiam integrá-lo.

O famoso Lampião, como assim ficou conhecido, devido ao seu rifle, tinha como nome Virgulino Ferreira da Silva. Foi o cangaceiro que mais se destacou no bando do Sinhô Pereira, que ao se aposentar o nomeou como chefe. Ele desencadeou diversas façanhas que originou medo na população. Ele se apaixonou por Maria Gomes de Oliveira, uma mulher com atitudes impróprias para seu tempo. Conhecida como Maria de Déa, e depois Maria Bonita, ela e sua ex-cunhada Mariquinha fugiram para integrar o bando de Lampião.

Com a aceitação da participação de mulheres nos bandos de cangaceiros, a partir de 1930, muitas delas resolveram integrar os bandos por vontade própria, porque queria ter liberdade dos laços patriarcais que as prendiam aos pais, irmãos e maridos, algumas por estarem condenadas pela sociedade, por serem consideradas mulheres desonradas, algumas por se apaixonarem por algum cangaceiro e muitas outras por serem raptadas e estupradas, sendo obrigadas a seguir seus captores e abusadores. A lei do cangaço era clara, nenhuma mulher poderia trair o marido, pois era condenada à morte.

A concepção do que era ser mulher era definida desde o nascimento: ela deveria ser: sensível, frágil, designadas as tarefas do lar e submissas a seus maridos. Com a integração delas ao movimento dos “bandoleiros” elas ganharam uma nova perspectiva, perceberam que poderiam ocupar lugares antes inimagináveis, mesmo que tivessem que enfrentar uma realidade dura e cruel. Contudo, seu papel não se distanciava tão facilmente das mulheres comuns, elas também estavam ali para cuidar dos maridos e servir, inclusive sexualmente, cozinhar, realizar costuras e bordados. No entanto, a representação das cangaceiras por parte da mídia contribuiu para o

empoderamento feminino, no decorrer dos anos, ao mesmo tempo em que provocou o aparecimento e circulação de estereótipos em torno dessas figuras até a atualidade.

2 A ORIGEM DO CANGAÇO

O movimento do cangaço teve origem na região Norte, por volta do fim do século XIX. O movimento cangaceirista teve seu início com a chamada grande seca de 1877-1879. Como afirma Maria Lucinete Fortunato (2012, p. 30): “Tal hipótese é justificada, nos discursos que a defendem pelo fato de os bandos de cangaceiros se proliferarem com maior vigor nos períodos de secas mais rigorosas”. Os cangaceiros seriam jagunços que serviam aos grandes proprietários de terra que, uma vez abandonados à própria sorte durante aquela grande estiagem, se reuniram em bandos que passaram a saquear e roubar as fazendas e propriedades abandonadas, inclusive àqueles que fugiam pelas estradas do flagelo. Passada a seca, esses homens haviam descoberto uma forma de vida a que não quiseram renunciar para voltarem a estar a serviço de um poderoso. Agora “trabalhavam” para si mesmos.

Sabe-se que o coronelismo era uma forma de “governo” que estava relacionada ao mandonismo local. A população empobrecida convivia com relações de subordinação. Os coronéis necessitavam de jagunços para os protegerem, homens armados que ganhavam a vida protegendo e realizando empreitadas, serviços para seu senhor. Eles matavam quando solicitados, ou seja, estavam sempre dispostos a obedecerem a seus chefes, por conviverem com a dependência financeira. Sendo assim, sempre obtinham privilégios ao praticarem a lealdade com o mandão local.

Cabra é o homem de armas que possui patrão ou chefe, desempenhando mandados tanto de ordem ofensiva quanto defensiva. Se na sua atuação há uma predominância do aspecto defensivo, do chamado guarda-costas, nos trabalhos de cobertura pessoal ao chefe, passa a receber, via de regra, a denominação de capanga, tipo mais discreto e confiável, que convive com o chefe em estreita intimidade, tendo adquirido, desde muito cedo e mais do que qualquer outro tipo aqui. analisado, larga expressão urbana. A intimidade existente nessa vinculação que, no interesse da segurança, se estabelece entre o capanga e seu chefe, muitas vezes leva aquele a residir em casa deste, convivendo com sua família num à-vontade que só uma estreita confiança pode proporcionar. (MELLO, 2011, P, 68)

Existia três tipos de ‘homens de armas’: o cabra, o jagunço e o cangaceiro. O cabra tinha quase a mesma finalidade do jagunço, sendo que esse segue a sorte de seu chefe, quando seu superior não tinha rixas com ninguém ele podia levar uma vida tranquila e até mesmo plantar sua roça, no entanto, sua vigilância deveria ser

constante, nunca se acomodar acerca de futuros perigos. Já o segundo fez a escolha de conviver no caminho das armas e dos perigos em vez de optar por uma vida com outras possibilidades, esse sempre convivia com o perigo e com a sentença de se esconder se quisesse permanecer vivo. O cabra ainda convivia com seu senhor numa relação de amizade, de compadrio, até de um convívio familiar já o jagunço, ao finalizar seu serviço, esquecia o vínculo com o contratante e mandante e partia para uma nova trajetória sem nenhuma relação de gratidão.

Os cangaceiros cometiam os mesmos atos comentados acima, de maneira que o faziam por conta própria, embora pudessem também estar ocasionalmente a serviço de algum senhor, que lhe dava proteção, o chamado coiteiro. Eles faziam quando enxergavam uma grande vantagem financeira ou estratégica, quando o risco pela realização do “serviço” seria plenamente recompensado pelo valor ganho ou pelo prestígio e proteção que o contratante podia lhe dar. Em nenhum momento o coronel era o chefe do bando, mas um fazendeiro que necessitava de favores dos cangaceiros. Portanto,

A característica principal do cangaceiro, vale dizer, o traço que o faz único em meio aos demais tipos já aqui analisados é a ausência de patrão. Mesmo quando ligados a fazendeiros por força de alianças celebradas, o chefe de grupo não assumia compromissos que pudessem tolher-lhe a liberdade. (MELLO, 2011, p. 88)

É intrigante analisar o quanto o termo cangaceiro vem carregado de sentidos que remetem a hierarquia e poder, ser cangaceiro tornou-se fonte de prestígio, notadamente entre os despossuídos da sociedade. É de total conhecimento que os integrantes do grupo andavam em bando e que não eram chamados de cabras, pois os diminuía, quando eram solicitados deixavam recados sempre assinavam como rapazes, deixando claro seu status diferenciado e ainda acrescentavam quem era o seu “senhor”.

Essas três figuras masculinas armadas tornaram-se o próprio símbolo da sociedade nordestina durante o ciclo do gado, envolvendo as questões em torno da herança de terra, das vinganças particulares, que também agrupavam as desavenças políticas. Elas se fizeram presentes em um sertão com fraca presença do Estado, dominado pelo poder privado.

No sertão as leis não eram conhecidas, ou os poderosos que as conheciam se faziam de ineptos e se aproveitavam que a grande parte da população não possuía o conhecimento sobre as prescrições governamentais. As grandes lutas entre os

poderosos se davam pelas disputas de terras, em relação às divisões de heranças, portanto, o governo não intervinha no sertão e o coronelismo reinava naquela região, sendo assim, a figura do governante não era respeitada, sua única função era o recebimento de impostos. No sertão a morte era a única justiça encontrada para resolver os problemas de ordem criminal e assim a existência dos cangaceiros surgia por disputas pessoais, ou até mesmo por ter o cangaço se tornado uma possibilidade de ascensão social. Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, denominado como o “rei do cangaço” eram, no entanto, filhos de proprietários de terra, com os dois primeiros sendo integrantes de famílias poderosas que, devido a conflitos com outros grupos familiares, que dominavam as instituições do estado, acabaram indo para o uso da força privada, pretendendo fazer justiça com as próprias mãos. O cangaço pode ser pensado a partir de três modalidades: o cangaço como meio de vida, o cangaço como forma de vingança e o como alternativa de refúgio para perseguições e ameaças de morte e/ou prisão. No primeiro seus participantes o viam como fonte de sobrevivência, no segundo eles possuíam o desejo de vingar-se de fatos ou pessoas que os prejudicaram e no terceiro os participantes o viam como uma forma de proteção e esconderijo na caatinga.

O cangaço apresenta características próprias, tais como, convivência em grupo, a vivência rural, o uso de táticas de guerrilha, a não subordinação aos patrões. Traz consigo características do banditismo, uma das formas de violência desenvolvida no sertão, marcando uma peculiaridade regional, um homem que leva uma vida de aventuras e perigos, enfrentando o clima árido do sertão.

3 MARIA BONITA

Maria Gomes de Oliveira, também conhecida como Maria Bonita ou Maria do Capitão, morava em Santa Brígida, no estado da Bahia, com seu marido José Miguel da Silva, que era seu primo, com quem se casou aos quinze anos de idade. Aos dezoito anos, ela enfrentava uma séria crise conjugal. Quase todos os meses retornava para a casa dos seus pais, em Malhada da Caiçara, localizada no sertão baiano, para fugir das discussões com seu esposo.

O esposo de Maria era sapateiro, remendava bicos finos, tiras de alpercatas e saltos altos. Os principais motivos das discussões entre o casal era a falta da presença do marido em casa. Ele após deixar o trabalho se entregava aos prazeres noturnos

da cidade de Santa Brígida, lugar próximo a Jeremoabo. A existência de arrasta-pés era a oportunidade perfeita para que Zé de Neném, como era conhecido o marido de Maria, se divertisse dançando forró, já que era um excelente dançarino, atraindo o interesse de muitas mulheres.

Embora ele não se destacasse pela beleza, se vestia de maneira galante, tal como aparece na única foto que deixou para a posteridade. Zé de Neném era conhecido pelos seus casos amorosos, vividos diante dos olhos da população da pequena cidade. Ele não fazia questão de esconder suas aventuras extraconjugais. De acordo com (NEGREIROS, p.2): “Em certa ocasião, a esposa teria feito um escândalo ao encontrar, no bolso do marido, um pente feminino, cuja proprietária seria uma formosa garota de Santa Brígida, na flor de seus treze anos.”. Ao deparar-se com tamanha afronta Maria saiu com destino à casa dos seus pais, tremendamente tomada pela fúria, uma vez descoberta à traição que seu marido tinha cometido, assim ele tentou ainda calá-la usando de sua força física, ferindo-a com tapas e socos.

José Gomes de Oliveira, o pai de Maria, não negava teto à filha, contudo não interpelava o seu marido, pois, para ele, era normal as infidelidades cometidas pelo genro, já que, no início do século XX, era extremamente normal os companheiros buscarem diversões fora do casamento. Como seu genro tinha uma boa profissão, era um homem financeiramente promissor e conseguia dar o sustento a sua filha, ele fazia ouvidos moucos para as reclamações de Maria.

No entanto, para a sua mãe, Maria Joaquina Conceição de Oliveira, ou dona Déa, Zé de Neném não passava de um homem frouxo, que sequer havia engravidado a sua filha, sequer lhe havia dado um neto. Para ela, ele era destituído de virilidade, já que, naquela temporalidade, a virilidade masculina era comprovada pelo tamanho da prole que era capaz de gerar. Se ela era numerosa provava que o dono da casa era um cabra macho.

Maria de Déa era uma moça de 1,56 m de altura, morena clara, cabelos e olhos castanhos, lábios finos, com as coxas grossas, atributo muito valorizado no modelo de corporeidade feminina, hegemônico no sertão nordestino, nesse momento. Apesar de usar vestidos compridos, a grossura de seus tornozelos chamava a atenção e indicava a grossura de suas coxas.

Maria de Déa passava os dias na casa dos pais observando a caatinga, bordando e conversando com suas irmãs. Mas, ao anoitecer, ao surgir à luz do luar, ela se arrumava, colocava seus melhores vestidos e saía para dançar nas fazendas

da região. Por tais atitudes ficaria conhecida como uma mulher não respeitadora de seu cônjuge, sendo vítima de comentários maldosos que justificavam as infidelidades de Zé de Neném. Seu companheiro esperava a raiva da esposa passar, montava em um cavalo e se dirigia a casa de seus sogros para buscá-la. Com a volta dela para casa, ele demorava dias para aprontar novamente. Durante essa reconciliação a agradava com presentes e até frequentava as missas.

Maria Bonita veio a conhecer o cangaceiro famoso através do próprio pai, que o acoitava quando ele passava por aquela região. Em uma dessas visitas, segundo alguns relatos, a própria senhora casada insistiu para ser apresentada ao Capitão, com a justificativa de considerá-lo um homem valente e famoso. A partir desse encontro, o envolvimento amoroso surgiu, terminando por se tornar a primeira mulher a integrar um bando de cangaceiros. Segundo Chandler (2003, p. 203)

Foi a mãe de Maria, conforme disse um dos cangaceiros do bando, quem contou a Lampião que sua filha tinha uma grande admiração por ele. Um dia, Maria veio para a fazenda quando Lampião estava lá, e o cangaceiro sentiu por ela amor à primeira vista. Alguns dias depois, quando o bando foi embora, Lampião a levou também, com o consentimento e as bênçãos da mãe.

Com a entrada de Maria no cangaço, Lampião, com muita astúcia, percebeu que era muito perigoso apenas ele possuir uma companheira em seu bando. Com isso estendeu a possibilidade de companhia feminina para os demais homens do bando. Elas faziam parte do bando não como cangaceiras, mas como companheiras, como amantes dos homens do bando, preservando a diferenciação de papéis de gênero, tal como se dava naquela ordem social. “Com exceção de Dadá, nenhuma das mulheres no cangaço tomava parte nos combates, mas elas se afirmavam como companheiras de um cangaceiro”. (GRUSPAN-JASMIM, 2006, p. 36)

No início dos anos 1920, a primeira onda feminista passou a adentrar aos centros urbanos brasileiros, no entanto, esses pensamentos modernos demorariam a percorrer o sertão nordestino. Portanto, Maria de Déa não deixou de ser uma mulher com um comportamento transgressor para sua época. Foi uma mulher com coragem de assumir seus desejos, em todos os sentidos, tanto no decorrer do seu casamento quanto ao empreender a fuga com o “governador do sertão”, também conhecido como Lampião. Maria se interessou por ele desde que soube de sua existência pelas manchetes dos jornais. A relação de seu pai com o famoso bandoleiro possibilitou cumprir o seu desejo. De sua condição de esposa não esperava nada mais do que

obediência ao seu marido e, no entanto, ela não estava disposta a renunciar a seus desejos e opiniões, portanto é preciso reconhecer que não deixou de ser uma contestadora dos valores dominantes, embora seja sem propósito e um anacronismo considerá-la uma feminista no sertão. Como foi uma figura marginal, considerada uma criminosa, seu impacto quanto a uma mudança da condição das mulheres na sociedade foi muito limitado. Somente hoje se tenta fazer dessa cangaceira um ícone feminino e um exemplo a ser seguido pelas mulheres, um exemplo de coragem e destemor na hora de tomar as rédeas de sua vida nas próprias mãos.

4 A ENTRADA DAS MULHERES NO CANGAÇO

Maria de Déa iniciou seu romance com Virgulino no ano de 1929, por intermédio de sua mãe, que realizava, assim, o desejo de ver a sua filha viver com um homem destemido como ele. Quando Lampião, frequentava a casa dos Oliveiras, conheceu Maria, perguntou se ela sabia bordar e ela afirmou que sim. Sua pergunta estava bem de acordo com o que se esperava de uma mulher, quais os atributos que uma moça deveria ter para ser considerada preparada para o casamento. Ele, talvez fazendo um teste final, assegurou que voltaria em duas semanas para buscar seus lenços bordados. O romance durou todo aquele ano, até que ela resolvesse acompanhar o capitão em suas aventuras pelas caatingas, surgindo, assim, a Maria do capitão, destinada a se tornar, ao mesmo tempo, famosa e infame nas terras do sertão.

Anos antes da entrada de Maria no bando, Corisco, o “Diabo Louro”, havia raptado Sérgia, que ficará conhecida como Dadá. Ela foi sequestrada da casa de seus pais e obrigada a levar uma vida que jamais imaginou ou desejou. Ainda criança, ela foi violentada com excesso de brutalidade, deixando-a doente, febril, sofrendo delírios. O estuprador a deixou aos cuidados da tia para que a então menina se recuperasse da violência sofrida. Anos depois, com a entrada de Maria Bonita no bando, os cangaceiros puderam ter companheiras em seu dia a dia. Desse modo, Corisco foi então buscar a menina de que havia “desgraçado a vida” incorporando-a no bando.

A participação das mulheres no cangaço, algumas por adesão, a maioria através do rapto e do estupro, ganha sentido comumente, recorrendo-se aos estereótipos que definem o que deve ser o comportamento masculino e o comportamento feminino, pois não importava se as mulheres eram ricas ou pobres,

letradas ou analfabetas, quem decidiam a vida delas era os cangaceiros, que inúmeras vezes as sequestraram e as violaram, levando-as a viver uma vida dura no sertão nordestino.

A participação das mulheres no cangaço é abordada pela historiografia com ela tendo que lidar com o desafio de tratar de eventos que estão entre o lendário e o factual. A historiografia, presa a uma visão realista, se inquieta diante de eventos onde o lendário, o mítico e o ficcional são elementos inseparáveis do próprio evento. O olhar cético fica embaraçado diante dessa mistura inextricável entre fato e ficção que é todo evento histórico, ainda mais aqueles que envolvem setores duplamente marginalizados socialmente, como as mulheres cangaceiras.

Muitos afirmam que as mulheres entravam para os bandos por vontade própria, sendo que exemplos como as das cangaceiras Sila e Dadá, que foram obrigadas a se incorporarem ao bando de Lampião por meio do sequestro e do estupro, desmente essa versão. Dessa forma, Maria Bonita não constituiu o padrão de incorporação das mulheres ao cangaço. Sua história romanesca, digna de folhetim, embora pioneira, não foi a regra, mas a exceção. Ela foi a primeira mulher a participar do cangaço acompanhando um cangaceiro por amor, por ter se apaixonado por um homem que correspondia ao modelo esperado de marido, naquela sociedade, um cabra macho, um cabra valente, capaz de dominá-la e controlá-la. Sua figura, no entanto, não deve ser tomada como padrão na hora de se tratar da participação das mulheres no cangaço. Embora sua história, por se enquadrar na mitologia do amor romântico, seja motivo de culto, até hoje, ela está longe de ter sido o padrão que prevaleceu quando se trata da inserção das mulheres no cangaço. Liberados por seu chefe para trazerem mulheres para o bando, muitos dos comparsas do Capitão trataram de arrastar, à força, moças, até meninas, para serem suas companheiras e exercer o papel tradicional feminino: cuidar de seu homem, fazer sua comida, costurar e lavar suas roupas, entregar seu corpo a seus desejos sexuais.

A participação feminina no cangaço quase não é abordada, as mulheres são mencionadas como companheiras de seus homens, conforme o lugar tradicional que era reservado às mulheres nessa ordem social. Sempre lembradas pela obediência, pela subserviência aos seus machos violentos, como meras imagens auxiliares dos cangaceiros. Para CHANDLER, 1980, p.20 4 “A responsabilidade maior das cangaceiras era ser companheiras dos seus homens”.

Se, por um lado, é importante desmitificar a adesão romântica ao cangaço, é fundamental evidenciar a maneira como essas mulheres, à medida que passaram a integrar o bando, que tinham que defender as suas vidas durante as refregas com a polícia, que podiam, inclusive, se afeiçoar a seu raptor, se ele a tratasse bem, como participaram ativamente das atividades do bando de cangaceiros. Socialmente, algumas delas passaram a ser respeitadas por ser cangaceiras e não por ser acompanhantes de seus homens, necessitando de sua proteção. Com o passar do tempo, tiveram que aprender a se defender por contra própria, adquirindo habilidades e atributos normalmente associados ao masculino, como saber atirar e matar:

Ao tempo que causavam terror em algumas mulheres, para outras os cangaceiros representavam uma vida cheia de aventuras e romantismos, coisas escassas nos sertões, onde quase se podia prever o futuro: casar, ter filhos, passar por privações, sem nunca conhecer nada além do mundo em que viviam. As mulheres que entraram para o cangaço voluntariamente inverteram essa lógica e saíram à procura de um novo destino. As que entraram de forma involuntária (sendo raptadas e obrigadas a viver com os cangaceiros) foram vítimas de um destino inexorável, vítimas da falta de proteção da família e do Estado. A vida no cangaço, ao mesmo tempo em que libertava, também aprisionava. (CLAUDINO, 2013, p.24)

A mulher ao ser “escolhida” por um cangaceiro era obrigada a ceder, sob pena, inclusive, de suas famílias sofrerem represálias. Ter uma filha no cangaço, no entanto, era também se expor a violência dos volantes, das forças oficiais. Aprisionadas entre a violência dos cangaceiros e dos “macacos”, como eram conhecidos os policiais e membros das volantes, as famílias das camadas populares pouco podiam fazer. Sila, que foi sequestrada pelo cruel cangaceiro Zé de Sereno, relata a vida dura que enfrentou no sertão: realizando longas caminhadas, vivendo na escassez de água e comida, enfrentando, a todo o momento, o medo das forças volantes, constantemente preparada para o ataque.

Sila afirma para Souza (1995, p.37): “eu não tinha sequer um abrigo, um canto para dormir. Na chuva, no sol e no sereno, era tudo ao relento”, Relatos como esse faz cair por terra a visão romântica da participação feminina no cangaço, alimentada pelo mito de Maria Bonita e a mitificação da vida no cangaço, que nada tinha de livre e idílica, sendo extremamente dura, cruel e perigosa.

Sérgia Ribeiro da Silva, conhecida no bando por Dadá, quando mais nova foi raptada por Corisco, Cristiano Gomes da Silva, que a estuprou violentamente, de forma perversa para vingar-se do seu pai. Ela relata no documentário de Viana e Neto (2015), “Feminino Cangaço”, que ele sempre foi bruto e perverso. Ela afirma, contudo, que, com o decorrer do tempo ela se adaptou à vida de cangaceira e passou a

obedecer a seu agressor. Ela diz ter sido amansada, termo que se usa normalmente, no Nordeste, para se referir a doma, a domesticação de um animal. No movimento cangaceirista, ela se destaca por ser extremamente corajosa e habilidosa no uso das armas. Foi a única mulher do bando a trocar tiros com os macacos, com as forças volantes, durante os combates. Com a tragédia na gruta de Angicos, que provocou a morte de Lampião e Maria Bonita, em 1938, ela e Corisco assumiram o comando do bando, até 1940, quando seus companheiros morreram em combate e ela, não conseguiu enfrentar sozinha às forças volantes, sendo baleada e presa.

Vale destacar que o cangaço foi um movimento que teve início com homens e, só anos depois, passou a contar com a presença feminina, o que não modificou os códigos patriarcais, o machismo, que ordenavam a vida dos bandos de cangaceiros. Embora, algumas delas fossem vaidosas, usassem lenços, joias, maquiagens, perfumes, terminaram por ser vistas como mulheres masculinizadas, sendo em grande maioria responsáveis pela emergência no imaginário nacional da figura da “mulher macho” com que são identificadas as mulheres nordestinas. Para SILVA, 2008: “Um fazer-se “macho” que a situação de conflito, de “guerra”, intensifica. Um traço comum nas imagens normatizadas do masculino, que encontra sob a estética da violência uma forma singular, libertadora, de expressão.”

As mulheres que viviam no bando de Lampião, eram jovens, se encontravam na faixa etária entre 14 a 26 anos de idade. As mais conhecidas são Maria Bonita e Dadá, contudo, mas havia outras integrantes que se chamavam: Dulce, Maria Jovina, Inácia, Áurea, Sebastiana, Otília, Rosinha, Elonora, Durvinha, Quitéria, Maria Cardoso, Maria Fernandes, Bídia, Lica Maria, Sabrina da Conceição.

No imaginário em torno da figura do nordestino o ser macho está relacionado a vivência na própria natureza inóspita do Nordeste, um ambiente árido, que exige de quem nele mora coragem e bravura. O sertão seria o espaço do cabra macho por ser um ambiente hostil, que formaria homens rústicos e viris, homens brutos e severos, inclusive com suas companheiras. Às mulheres estão destinadas a vida doméstica, dedicada aos cuidados com a casa, com os filhos, no máximo “ajudando” seu homem no trabalho na roça para que se tenha o sustento da família. As cangaceiras foram vistas como mulheres masculinizadas por não terem uma casa ou um lar para cuidar, embora não deixassem de ser responsáveis pelas tarefas vistas como domésticas, mesmo no meio do mato, por viverem “como homens”, levando uma vida dura no sol, fugindo das volantes e sem o direito ao descanso necessário. Portanto, essas

características configuram a elaboração do ser nordestino, que foi elaborado por meio das peculiaridades regionais e da sua identidade de gênero, o patriarcado está enraizado na territorialidade desde do início do século, e essa preponderância inter-relaciona-se: o nordestino é macho, ou seja, não há espaço para a vaidade feminina. Por isso, a figura feminina é considerada masculinizada.

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região, até as mulheres são machos, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, que ele se relaciona. (ALBUQUERQUE JNR, 2013, P.18)

No cangaço, as mulheres tinham dificuldade em cumprirem outro papel que, socialmente era fundamental para a definição do feminino: a gestação e criação dos filhos. A vida que levava uma cangaceira, uma vida de constantes deslocamentos, de nomadismo, de constantes fugas e perigos, de permanência em esconderijos muitas vezes precários e provisórios, inviabilizava, praticamente, a maternidade. Elas lançavam mão, constantemente, do recurso ao aborto, utilizando tanto substâncias quanto simpatias para expelirem os fetos. Se a criança nascia, devia ser retirada do bando, entregue a alguém para que fosse criada, quase sempre a algum familiar, como aconteceu com a filha de Maria Bonita e Lampião, criada por sua avó. A cangaceira não podia criar vínculos afetivos com sua descendência, pois o choro da criança atrairia a atenção dos volantes, sendo os cangaceiros facilmente descobertos.

A convivência no bando era regida pelos códigos do patriarcalismo, marcado pela opressão e o machismo. As mulheres tinham por obrigação cumprir regras de conduta, podar seus desejos e anseios, não serem infiéis ou desleais ao seu homem, sob pena de serem mortas. Lídia, por exemplo, foi morta por Zé Baiano que, complexado com sua negritude, acusava a companheira branca de lhe ser infiel. Lili, mulher do cangaceiro Moita Brava e Cristina, mulher do cangaceiro português, também tiveram o mesmo destino. As mulheres que tinham seu homem morto, que ficavam viúvas, tornavam-se um problema, pois se deixassem o bando, sabendo dos segredos de seu funcionamento, podiam, quando perseguidas e inquiridas pelas forças policiais, terminarem por revelar segredos que ajudariam a repressão. Os

cangaceiros solteiros tinham por obrigação assumi-las como suas companheiras, pois assim, permanecendo no bando estariam à salvo de serem perseguidas e de se tornarem fonte de informação das forças policiais.

Assim, é possível compreender que as práticas que se faziam frequentes na vida dessas mulheres, a necessidade de obediência ao seu homem, que era, muitas vezes, encarado como seu proprietário, por ter dela se apoderado, tendo que satisfazer, mesmo à força e sem prazer a seu apetite sexual, se contrapunha a tão esperada liberdade que, algumas vezes, motivara suas fugas. A liberdade continuaria como um sonho, já que deveriam sujeitar-se não apenas às regras da ordem patriarcal, mas também às normas imperantes no bando, impostas por um chefe, por um homem, inclusive por aqueles que eram seus homens.

Para Bourdieu (1998) a “violência simbólica, é vista como a forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja econômica social, ou simbólica”. Esta modalidade de violência era notória nos bandos de cangaceiros, pois as damas do bando quando não violentadas fisicamente, se encontravam expostas a um ambiente em que pairavam ameaças veladas de violência física e morte, o que as fazia dependentes de seus parceiros e conformadas com a realidade em que se encontravam.

Cangaceiros que antecederam Lampião, como, Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira, Antônio Silvino nunca permitiram a participação feminina em seus bandos com a justificativa da fragilidade, da pouca ou nenhuma experiência de fuga e em confrontos armadas. Para eles andar debaixo do cangaço era coisa de homem e não de mulher. Para Claudino, 2013: “A entrada das mulheres não era permitida, [também,] por conta de crenças religiosas.”. Elas os deixariam fracos, com o corpo aberto após o ato sexual. O corpo fechado, conquistado por meio de rezas fortes, do uso de santinhos e orações pendurados no pescoço, seria maculados pela impureza do ato sexual, pelo contato com o corpo feminino, o corpo portador do pecado e do demoníaco por excelência. Misoginia e fobia diante das carnes femininas andavam lado a lado.

Diversas manifestações culturais como os cordéis, as músicas, a literatura, as memórias, as imagens e obras artísticas, construíram um imaginário em torno do cangaço e das mulheres que dele participaram, sobretudo a partir da figura de Maria Bonita, que faz delas meras coadjuvantes de seus homens ou então mulheres masculinizadas, brutalizadas. Mesmo obras acadêmicas como a escrita por FALCI

(2010), toma as mulheres como meras coadjuvantes no interior desse movimento social.

Depois de mais de meio século da morte de Lampião, integrantes que sobreviveram à chacina de Angicos, relatam suas vivências relativas ao período em que integraram esse movimento e como fugiram para lugares mais afastados para continuarem vivendo, sem a perseguição dos volantes. Anos depois do chamado fim do cangaço, Dadá surgiu como a principal informante sobre as trajetórias femininas no cangaço, sobre o próprio movimento, até seu falecimento em 1994.

O protagonismo feminino durante a ocorrência do movimento e depois, na constituição da memória do cangaço, continua sendo de grande relevância para a historiografia, pois apesar das dificuldades conseguiram testemunhar e relatar acerca de várias dos enfrentamentos armados e sobre o modo de vida do bando, sobre a participação feminina nesses eventos que até então era desconhecida.

5 CONSIDERAÇÃO FINAL

O papel desta pesquisa foi evidenciar e apresentar o protagonismo feminino encontrado no movimento do cangaço, movimento esse que foi caracterizado pelos conflitos com as leis e as formas de governo que se encontravam vigentes, sendo elas, o coronelismo e o abuso exacerbado do poder do Estado e das forças policiais, que acometiam com diligências desonestas a população menos favorecida do nordeste brasileiro.

Com isso, a participação dos cangaceiros crescia com a justificativa de vingar-se de injustiças pessoais e para com seus conterrâneos. É notória a duplicidade que marca as relações entre os cangaceiros e os coronéis, que favorecia a permanência de bandos como o de Lampião. A representação do cangaço cria uma imagem ilusória, de que as mulheres eram totalmente livres, libertas de qualquer relação patriarcal, mas, no entanto, deviam obediência a seus companheiros, como se deles fossem propriedades, e se por ventura os afrontassem a punição era severa, podendo custar a vida, características enraizadas na sociedade sertaneja.

Tamanha é a necessidade da abertura do diálogo sobre essa temática, para questionar a idealização da mulher como uma pessoa com destino traçado desde o início da sua vida, sendo naturalmente obrigada a estar inserida em um lar, realizando atividades domésticas, sem oportunidade de explorar e realizar os seus desejos. Por

isso, muitos afirmam que a presença feminina no cangaço teria significado uma ruptura em seu tempo, apagando-se as violências sofridas por elas, dando a temática uma abordagem excessivamente romântica.

Pode-se concluir que a presença feminina no cangaço foi atravessada pelas mesmas contradições que perpassavam a sociedade como um todo. Como foi Maria Bonita, a primeira mulher a adentrar no cangaço e que, por conseguinte, contribuiu para a inserção das demais mulheres, essas passaram a ser vistas como estando a frente do seu tempo, construindo novas histórias e desejos. Portanto este trabalho busca contribuir com essa discussão e servir a outras pesquisas que possam aprimorar conhecimentos sobre a temática, sobre esse movimento histórico, que contou com a presença feminina.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940)**. / 2ª Ed. / Durval Muniz de Albuquerque Júnior. – São Paulo: intermeios, 2013. (coleção Entregêneros).
- ARAÚJO, Raquel Silva. **O protagonismo no cangaço de Lampião (1930-1940)** [manuscrito] / Raquel Silva Araujo. – 2019. 23 p.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura In: NOGUEIRA: Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**. São Paulo: Vozes, 1998. p39-64.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- Claudino, Nadja Claudianale da Costa. **Entre o punhal e o afeto: imagens de Maria Bonita na Historiografia e no cordel (1930/1938)** / Nadja Claudianale da Costa Claudino. – Cajazeiras, 2013. 72 f.
- Claudino, Nadja Claudianale da Costa. **As escritas de uma vida: Discursos sobre a cangaceira Maria Bonita (1930-1938)** / Nadja Claudianale da Costa Claudino. – João Pessoa, 2017. 153f.: il.
- Falci, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: Del. Priori, Mary História das mulheres no Brasil. 9. Ed. São Paulo. Contexto. 2010
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **Representações do cangaceiro: Invenções, controvérsias e recorrências**. In: CEBALLOS, Rodrigo et al. Orgs. **Nordestes e**

nordestinidades – **Histórias, representações e religiosidades**. Campina Grande: EDUFPG, 2012, pp. 21- 37.

GRUSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião: Senhor do Sertão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol, violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: Girafa, 2011

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: Sexo, Violência e mulheres no cangaço** – 1^o ed- Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Sá, Sarah Ritchelle Cristovão de. **A mulher no cangaço: um olhar para além de Maria Bonita (1930-1938)** / Sarah Ritchelle Cristovão de Sá. – 2020. 66f.: il.

Silva, Alômia Abrantes da Paraíba, **mulher-macho: tessituras de gênero,(desa)fiões da história** / Alômia Abrantes da Silva. – Recife: O Autor, 2008. 252 folhas: il., figuras.

Souza, Ild Ribeiro. **Sila, memória de guerra e paz**. Recife: Imprensa Universitária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. 19995.

VIANA, Lucas. Neto, Manoel. **Feminino Cangaço**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LOeds&t=482s> acesso em: 15/02/2022

A mulher no cangaço 1976. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NY0isIYPv5Y> acesso em: 13/02/2022